

# O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: DO ESTEREÓTIPO AO RECONHECIMENTO DE SI.

OLIVEIRA, C, S.; SASSO, K, L.; FERREIRA, L, A.; MENDES, L, C, G.; OHARA, T.

**Resumo:** Cada vez mais, o psicólogo se insere nos contextos da saúde pública, dentre eles os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dispositivos que surgiram como forma de substituir os hospitais psiquiátricos. O presente trabalho apresenta o relato de experiência de uma intervenção dos estagiários do quarto ano do curso de Psicologia em um CAPS-ad, cuja demanda levantada para o referido trabalho foi o estigma social da figura do alcoolista que os usuários relataram carregar.

**Palavras-chave:** CAPS-ad, identidade, estigma social.

**Abstract:** The insertion of psychologists in the contexts of public health has increasingly grown. One of these contexts is represented by the Psychosocial Care Center (CAPS), devices that were created as a way to replace the asylums. The present work brings an experience report on an intervention of a group of Psychology intern students in a CAPS – ad. The intervention was planned based on the data collect and it consisted of the social stigma the drug users reveal to carry.

**Key-words:** CAPS-ad, identity, social stigma.

## Introdução

Quando falamos no processo saúde/doença, atribuímos ao sujeito que é acometido por patologia a necessidade do cuidado. Dentro os diversos modelos de cuidado privilegiamos aquele cujo homem é visto em sua integralidade, ou seja, o chamado biopsicossocial. Para além de sua patologia, este sujeito se relaciona com uma comunidade envolvendo-se com grupos e instituições e assim constrói sua subjetividade. Isso o faz vivenciar a sua patologia e suas consequências de forma única.

A Reforma Psiquiátrica, movimento que busca a substituição dos hospitais psiquiátricos por novos modelos de manejo daquele que está em

sofrimento psíquico, está baseada nesse modelo de cuidado. Visando a não institucionalização do sujeito com transtornos mentais essas práticas preveem a manutenção do portador de transtorno mental na comunidade que ele vive. Além disso, busca englobar o tecido sociocultural e mudanças na sociedade como um todo no que se refere aos transtornos mentais (Amarante *apud* Silva, 2011).

Como modelo de serviço de não institucionalização brasileiro foram criados os CAPS e especificamente ao público que apresenta sofrimento físico e psíquico decorrente do uso de substâncias psicoativas, os Centros de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS-ad). São estabelecimentos que auxiliam indivíduos que fazem ou fizeram uso de crack, álcool ou outras drogas com atendimentos diários. Contando com uma equipe multiprofissional, constituída por um médico, um enfermeiro, quatro profissionais de nível superior (dentre eles o psicólogo) e cinco profissionais de nível médio. A equipe, junto com o usuário, planeja o cuidado de forma individualizada (Projeto Terapêutico Singular), valorizando a história de vida e as demandas do usuário.

Dentre as atividades que estes locais desenvolvem, tais como o atendimento individual; atendimento grupal (grupos operativos, de suporte social e de familiares) e oficinas terapêuticas. Os CAPS-ad, também, atuam de forma preventiva por meio da redução de danos, ou seja, estratégias que visam reduzir os riscos associados ao uso das substâncias psicoativas.

### **Recursos teóricos-metodológicos:**

Como forma de cumprimento da disciplina Estágio Supervisionado de Formação II – Saúde, no oitavo semestre do curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana foi realizado estágio no CAPS-ad. Isso foi possível, pois sabe-se que um dos campos de atuação do psicólogo é a saúde mental e que os CAPS estão inseridos nesse campo de atuação. Para tanto, o método utilizado foi a pesquisa participante, que consiste na “interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (Gil, 2002, p. 55).

A presente pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira consistiu na observação e levantamento da demanda através do contato com a instituição e os seus participantes e no segundo momento foram pensadas intervenções cujos objetivos foram pensados de acordo com as demandas, buscando corresponde-

las. A demanda escolhida para ser trabalhada com os participantes do CAPS-ad foi a identidade, uma vez que os sujeitos relatam *estereótipos* sobre si mesmos.

Partindo disso, o grupo planejou um projeto nomeado “Olhar Diferente”. Visamos trabalhar o estereótipo dos usuários do serviço em relação a figura do etilista, objetivando momentos de reflexão acerca dessa temática. Essas ações tiveram o intuito principal repensar sobre a *identidade*, de forma que pudessem ressignificar aquilo que compõe as imagens relatadas por eles e sobre eles.

Essa identidade que é constituída nas relações entre os homens e que se estabelece e se refaz o tempo todo é constituída socialmente de forma coletiva e individual, ou seja, aquilo que o indivíduo pensa e sente como seu acaba sendo formulado por intermédio das relações que estabelece (Pedro, 2005). Podemos compreender, então, que “interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso” (Ciampa. 1987, p. 171). Isso ocorre desde o nascimento e perdura até o fim da vida, auxiliando o homem na compreensão de quem ele é, seja através do que é transmitido, representado ou internalizado.

Esse mundo social também é o responsável pela atribuição de características negativas, aquelas que são dirigidas aos sujeitos buscando a sua desqualificação. A isso se dá o nome de estigma social, que se refere a uma construção social que atribui à um outro o status de inferior e indesejável, produzindo assim a discriminação (Ronzani e Furtado. 2010). Outro aspecto importante em relação ao estigma social é que ele proporciona um desajuste em relação ao grupo social, o que torna-se mais um aspecto mantenedor da desigualdade. Isso implica dizer que só há estigma social, pois também há uma relação desigual proporcionada pela crença da superioridade de um dos grupos.

Dentre os diversos grupos sociais vítimas desse mecanismo de desigualdade, podemos pensar no portador de algum transtorno mental, dentre eles o usuário de álcool e drogas. A pessoa identificada com a imagem do usuário de álcool e outras drogas carrega um forte estigma social e isso pode trazer consequências para a vida desse sujeito, inclusive no envolvimento em relação ao seu cuidado. A dificuldade de buscar ajuda leva ao agravamento das condições físicas e psicológicas e produz forte impacto na sua autoestima (Ronzani, Noto e Silveira. 2014).

Pensando para além dos rótulos e marcas sociais, Ciampa (1989) afirma que a identidade está em constante mudança, ou seja, ela é uma unidade, mas uma unidade contraditória e múltipla. Isso significa que existem núcleos estáveis que compõem a identidade, mas ao mesmo tempo diversas zonas de sentido também a compõem, porém não ao mesmo tempo. Ora elas se contrapõem umas às outras, ora se complementam. Os estigmas sociais, incorporados àquilo que o sujeito entende como pertencente a si, trazem, ao contrário, a ideia de rigidez, de algo fixo, um “rótulo” que permanece, que sinaliza quem é e como atua o indivíduo perante a sociedade.

Para o Projeto “Olhar Diferente” foram estabelecidos quatro encontros que tivessem como temática a identidade. Em cada encontro foi trabalhada uma atividade relacionada ao tema geral e ao final foi confeccionado uma parte de um painel que no final do projeto seria exposto na instituição.

No primeiro encontro o tema abordado foi o do espaço e limite. Nesse encontro tivemos como objetivo trabalhar o respeito ao limite tanto de si como do outro, isso é visando o reconhecimento de seus limites físicos, éticos e afetivos. Visando esse objetivo foi trabalhado um texto e uma dinâmica. Para finalizar, foi proposto que os participantes dessem início à confecção do painel, delimitando o espaço que gostariam de utilizar para continuar nos próximos encontros.

O segundo encontro teve como tema principal a afetividade e sua importância em nossas vidas, sendo propostas duas dinâmicas que envolviam a afetividade dos participantes, cujos objetivos propostos visam à reflexão sobre os afetos e o reconhecimento daquele mais importante e presente na vida desses sujeitos. Finalizando o segundo encontro foi sugerido que os participantes preenchessem o espaço delimitado por eles no primeiro encontro com uma cor que representasse sua emoção mais importante.

No terceiro encontro, oportunizamos um espaço para se pensar sobre os estereótipos apresentados pelos usuários. Por meio de uma dinâmica questionamos a importância e os sentidos que eles atribuíam aos estereótipo vivenciados por eles. Por fim, finalizamos com um desenho no qual pudessem representar algo que reconhecessem como sendo deles.

No último encontro abordamos o cuidado de si, relacionando-o com os outros temas trabalhados. Pensando nesse cuidado confeccionamos uma

moldura para o painel produzido como uma forma representar a importância de preservar e cuidar de quem somos e do que produzimos.

## **Conclusão**

Considerando os estereótipos em relação aos usuários de álcool e de outras drogas, a intervenção buscou fazer com que esses indivíduos, através das atividades desenvolvidas, pudessem refletir sobre a imagem apresentada por eles acerca da ideia do etilista.

As dinâmicas e demais atividades propiciaram um espaço para que esses indivíduos pudessem pensar acerca de si, de suas experiências e vivências e de como se percebem no mundo. Observamos a importância de um espaço no qual pudessem falar sobre si, mas que pensassem para além disso, pois buscou-se com essa intervenção a crítica em relação a uma padronização social em relação às imagens que devem ser aceitas ou não nos mais diversos espaços ocupados por eles.

De acordo com o retorno dos usuários em relação a intervenção possibilitou que os mesmos percebessem o quanto reproduzem em seus discursos os estereótipos em relação ao etilista contribuindo também para a manutenção e disseminação desses rótulos e ao se pensar para além destas marcas sociais, o indivíduo pode se ver como construtor da própria história, autor de sua identidade, possibilitando a seu próprio processo de criação de si.

## **Referências**

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LANE, S. T. M.; CODO, W (orgs). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8. ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1989.
- PEDRO, W. J. A. O estudo da identidade no âmbito da psicologia social Brasileira. **Revista Uniara**, n.16, 2005.
- RONZANI, T. M.; FURTADO, E. F.; Estigma social sobre o uso de álcool. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.59, n.4, Juiz de Fora, 2010. p.326-332.
- SILVA, L. F. C. B. da. **Alcoolismo: do cálice que cala à escuta que liberta: o pedido silencioso de dependentes e abusadores de bebidas alcoólicas no acolhimento de um CAPS-ad**. Curitiba: Juruá. 2011.